

GRUPOS MAIS AFETADOS

A candidíase de repetição é mais comum em:

- Mulheres em idade reprodutiva (20–45 anos)
- Usuárias de anticoncepcional hormonal
- Gestantes
- Mulheres com diabetes
- Mulheres sob estresse crônico
- Pacientes com histórico de uso frequente de antibióticos
- Mulheres com disbiose intestinal ou vaginal

PARA O TRATAMENTO

Usar antifúngico adequado, recomendado por profissional:

- Geralmente tratamento prolongado
- Fase de ataque + fase de manutenção
- Ajuste conforme a espécie (albicans ou não-albicans)
- Uso de radiofrequência e tecnologia mais avançada para o tratamento de candidíase de repetição

PREJUÍZOS À SAÚDE

- Impacto significativo na qualidade de vida
- Dor crônica vulvar
- Dispareunia (dor na relação)
- Ansiedade e sofrimento psicológico
- Automedicação recorrente
- Resistência antifúngica
- Vulvovaginites crônicas de difícil manejo

Fonte: Felipe Irineu, ginecologista da Clínica Renoir, em Brasília

Normalmente, na avaliação do ginecologista, o quadro surge depois que um episódio inicial foi tratado, mas não totalmente combatido. Assim, os fatores que contribuíram para que o fungo crescesse permanecem, fazendo com que a reincidência seja frequente e incômoda, prejudicando a qualidade de vida de inúmeras mulheres.

Desconforto e constrangimento

Nesses casos, o desequilíbrio é a palavra-chave para entender por que o fungo insiste em voltar. O ginecologista Felipe Irineu, da Clínica Renoir, esclarece que o problema raramente é a “quantidade” de fungo, mas sim o estado do ecossistema local. “Ele volta porque há um desequilíbrio do ambiente vaginal, que pode ser causado por pH alterado, imunidade baixa ou uma flora desregulada”, afirma.

De acordo com o profissional, há ainda um obstáculo invisível que muitas vezes impede a cura: o biofilme. “Quando tudo parece equilibrado e a candidíase continua, pode ser por causa do biofilme, uma camada protetora que o próprio fungo cria. Nessas situações, não adianta dar o antifúngico sozinho; é necessário ‘quebrar’ essa proteção”, detalha o especialista.

Segundo Irineu, embora qualquer mulher possa desenvolver o quadro, o grupo mais afetado compreende mulheres em idade reprodutiva, entre 20 e 45 anos, além de gestantes e usuárias de anticoncepcionais hormonais. Alguns fatores como estresse crônico, diabetes e disbiose intestinal também colocam o corpo em estado de alerta. Para combater a resistência do fungo, a medicina tem avançado em protocolos mais robustos.

“Geralmente o tratamento é prolongado, com uma fase de ataque seguida de manutenção, ajustada conforme a espécie da *candida*. Hoje, a tecnologia

Freepik.



A candidíase gera incômodo, especialmente durante o verão

mais avançada para esses casos inclui até o uso de radiofrequência”, revela o ginecologista Felipe Irineu. Apesar de não ser considerada uma infecção grave que coloque a vida da mulher em risco, os danos provocados pela candidíase de repetição são profundos no campo funcional e psicológico.

A dor crônica vulvar e o desconforto na relação sexual (dispareunia) geram um ciclo de ansiedade e sofrimento, um peso invisível para quem precisa lidar

com essa condição. Para os especialistas, o maior prejuízo não é apenas físico, mas o estresse e o constrangimento que o quadro impõe.

Em mulheres com a imunidade severamente comprometida, a candidíase de repetição exige atenção redobrada, sobretudo para evitar que o fungo acometa outras partes do corpo, reforçando a importância de um diagnóstico que olhe para a paciente de forma integral — e não apenas para o sintoma da vez.